

**TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS DO CONTO „GLÜCK HABEN“ DE
ELISABETH LANGGÄSSER**

Micaela Marques Moura¹

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP-P.PORTO

Nota introdutória:

Elisabeth Langgässer (1899-1950) é considerada uma das mais importantes escritoras do pós-guerra na Alemanha, no entanto, hoje, está praticamente esquecida. Além de contos, publicou também poesia e romances.

O conto „Glück haben“ integra a colectânea „Der Torso“ (1948), onde os protagonistas de cada história são sobretudo pessoas que sobreviveram ao horror nazi. As narrativas tematizam a doença mental e o stress pós-traumático como consequência das barbaridades cometidas durante a 2.^a Guerra Mundial.

Em „Glück haben“ a narradora, numa visita a um conhecido num sanatório, ouve, sentada numa banco de jardim, o monólogo de uma paciente, uma mulher velha, em que esta narra as infelicidades sofridas ao longo da sua vida, que insiste em designar por sorte. A paciente finaliza o seu relato com as palavras „vida de merda“, e coloca tudo o que narrou anteriormente em dúvida.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2165-8149>; Email: marques7@iscap.ipp.pt

Tradução:**Ter sorte**

Ouvi este monólogo com um final estranho no banco do jardim de um sanatório rural, que era também um lar de idosos. Nessa altura, estava à espera de um conhecido que tínhamos tirado da cave da sua casa com um choque nervoso, pouco antes do fim da última guerra. A sua cabeça andava sempre para trás e para a frente, como um pêndulo de relógio, sempre a fazer tique-taque....sempre tique-taque, bastante tranquilo, bastante calmo. Nenhum de nós (nem eu, nem o meu marido, nem os amigos jogadores de *Skat*² do meu conhecido) teria ficado surpreendido, estivesse a hora apenas a meio ou completa, se ouvíssemos o gongo de Westminster - tique-taque e o gongo de Westminster. Bem, sim. Mas essa é outra história.

Na verdade, o sanatório era um verdadeiro paraíso. Um belo parque, árvores centenárias, a casa por detrás era um castelo rural de Brandemburgo: duas alas simples e uma escadaria no meio - se fosse um pouco mais pequena seria uma casa de habitação em *Caputh* ou *Bernau*. Como já referido, era realmente um paraíso, logo a seguir ao cemitério. Na altura, todos nós desejávamos algo semelhante, para descansarmos durante quatro semanas. Mas quem é que tem essa sorte?

Ao meu lado estava sentada uma mulher mais velha; se era de facto mais velha, já não posso dizer com certeza. Louca era, isso é certo. É certo que o seu lugar não era apenas o lar de idosos. Mas velha ou nova - nenhuma de nós gostava de se olhar ao espelho nessa altura. Mesmo aquela: agora que penso nisso, ela não era nem uma, nem outra. Ela não era nenhuma das duas: Não era velha nem jovem - claro que não era jovem - mas o seu rosto era liso como um pêsego sob um cabelo completamente branco. Poderão dizer que rostos assim há

² *Skat* é um jogo de cartas muito popular na Alemanha.

muitos. E isso também é verdade. Mas nem todos são loucos, e certamente nem todos devem ser trancados, se não onde é que iríamos parar? É bem possível que eu normalmente não tivesse reparado na mulher, ou que não tivesse fixado o que ela disse; havia tanta desgraça naquele tempo que não importava se era menos ou mais – no fundo, esquecia-se. [Hoje digo: Graças a Deus, onde é que iríamos parar?] Bem, normalmente eu não teria reparado em tal criatura. Quando se está numa fila, por exemplo, também se vivenciam coisas semelhantes. Ou no serviço de cartões de racionamento.

Mas aqui as coisas eram diferentes. Não te contam nada, ouviste algo que no fundo não era para ti, tinhas a maldita sensação de que estavas a ler uma carta aberta que tinha sido deixada por aí. Sim: uma carta aberta. Penso que esta comparação é correta, embora, claro, não seja algo que se possa comparar. Porque, aparentemente, não era permitido saber que se tinha lido algo. Assim que se dizia: Como? Ou: Ah? Ou: Oh! a mulher levantava-se como se tivesse sido bicada e olhava-te com raiva. Bem, "com raiva" não era a expressão certa para este olhar - só um louco pode olhar para ti dessa maneira. . . tão perigoso e tão do outro mundo. Claro que eu teria tido medo se uma enfermeira não tivesse estado sempre por perto. De facto, não se deveria chamar enfermeiras a estas bestas. Quando uma delas se aproxima discretamente por trás e agarra os doentes com os seus braços e empurra pelo cotovelo sem dizer uma palavra . . . uma locomotiva tão gorda, com riscas azuis e brancas -. Bem, já deve estar no fim, se não, onde é que iríamos parar?

Como disse, a mulher já estava a meio da conversa quando me sentei ao lado dela. No entanto, não deveria ir longe na sua história.

“Eu era realmente uma criança bonita”, disse ela. “Olhos como beladonas. Uma figura como uma boneca. Os meus pais gostavam que eu fosse fotografada e com frequência. Porque é que não haviam de gostar? Porque é que afinal não haviam de gostar? Eles tinham possibilidades. Há fotografias minhas em frente a um cenário de floresta e outras ainda num parque, num banco de madeira de bétula. O meu irmão mais novo tinha de encostar a cabeça

no meu ombro - as pessoas denominavam esta fotografia de “Hänsel e Gretel”. Noutra ocasião, não sei porquê, estou a segurar um guarda-chuva japonês sobre mim e o meu vestido bordado. Eu era uma criança com sorte. Tínhamos dinheiro; tudo o que eu queria podia ter, nenhuma boneca era suficientemente grande. Também me dava bem na escola, tinha uns³ a tudo, só nos trabalhos manuais é que tinha sempre um cinco. É uma pena, dizia a professora, e a minha mãe sentava-se e fazia-me os trabalhos manuais – a partir daí eu só tinha uns, desde religião a trabalhos manuais. E assim continuou. Aos sete anos recebi um triciclo pequeno, aos dez um maior e aos catorze uma verdadeira bicicleta de senhora. Fazíamos viagens - às vezes para a Baviera, às vezes para *Helgoland*. Depois o nosso pai morreu. Eu e o meu irmão não nos apercebemos muito. Foi um ano igual ao outro: num aprendi a nadar de costas e no outro joguei *diabolo*, no terceiro colecionámos uma pilha de postais coloridos, no quarto selos postais. Tinha, como sempre, sorte ao trocar: o aditivo para café da *Pfeiffer e Diller* pela Feira Mundial; a dama de branco do detergente *Persil* pela Arte Moderna e pela Arte Nova de *Darmstadt*. Assim, a Guerra Mundial veio e passou sem nos maltratar - no início ainda havia tudo para comer, no fim a ajuda alimentar. No liceu, apaixonei-me pela primeira vez por um professor, embora não gostasse de paixonetas e não pensasse muito em sensualidade. A partir de então, apaixonei-me com muita frequência e também fui idolatrada. Recebi o meu primeiro pedido de casamento e, em breve, um segundo e um terceiro, apesar de muitos jovens terem sido mortos na guerra. Bem, eu era muito simpática e tinha, como se dizia na altura, um verdadeiro “sex appeal”. Fui a quinta rapariga da minha turma a casar. O meu marido era jurista e o seu superior chamava-me “mulherzinha”. No início, não queríamos ter filhos, para podermos ainda gozar a vida, mas, de qualquer modo, não mais do que dois: um rapaz, uma rapariga e mais nada. Claro que tive novamente sorte e tudo correu como planeado. Primeiro veio o rapaz, chamei-lhe Harald, depois a pequena Brigitte, uma criança lindíssima. O meu marido era um advogado muito talentoso, também com experiência em

³ O sistema de notas na Alemanha vai de 1 a 6, onde 1 é a melhor nota e 6 a pior.

negócios, um tipo simpático e bom. Podia ter ficado no serviço público, mas para progredir mais rapidamente e ganhar ainda mais dinheiro, tornou-se síndico. Primeiro em Colónia, depois em Hamburgo e, por fim, em *Königsberg*. Mudámo-nos cada vez mais para Norte, depois para Nordeste, ficámos presos no Leste e finalmente comprámos uma pequena propriedade com caça e pesca na Floresta de Romincka. Já não sei exatamente o que deu origem à nossa desgraça. Talvez não devêssemos ter-nos afastado tanto do Oeste, mas quem poderia adivinhar? O Norte estava na moda, o Leste ainda mais; ter muitos filhos era chique. Por isso, decidi ter outro bebé, mas foi um aborto espontâneo. Tentei outra vez: a mesma coisa. À terceira vez, desisti. Entretanto, o meu marido também tinha envelhecido e tinha uma úlcera no estômago. Nada de grave, claro, tivemos sorte, a operação tinha corrido como planeado, mas de repente, não se sabe porquê, morreu após sofrer uma típica embolia. Fiquei muito triste, mas os meus filhos apoiaram-me muito. Isso foi pouco antes da guerra, o rapaz tinha dezoito anos, a rapariga dezasseis. Tudo como habitual: primeiro os exames para conclusão do secundário, depois o serviço de trabalho⁴, depois o Harald foi recrutado para as forças armadas. Teve sorte: como era tecnicamente dotado, entrou para uma unidade de informação e, inicialmente, ficou na retaguarda. A Brigitte, alta e loura como o meu marido, tornou-se chefe do serviço de trabalho no Governo Geral⁵. Tudo teria provavelmente corrido bem se o Harald não se tivesse alistado nos paraquedistas com a ambição de obter a Cruz de Cavaleiro. Pouco tempo depois, foi destacado e morreu em Monte Cassino... quase no mesmo dia em que a Brigitte teve o pequeno Heiko de um camarada das SS. Claro que agora ela não queria continuar a ser chefe de campo, mas antes foi para casa com o rapaz. A criança prosperou lindamente, ela teve sorte, e ficou noiva de um oficial, piloto de um caça noturno, que morreu pouco depois do desembarque dos ingleses no norte de França, mas

⁴ No original “Arbeitsdienst”, abreviatura para “Reichsarbeitsdienst” (RAD), serviço oficial do Estado para o trabalho, durante a Alemanha Nazi.

⁵ O Governo Geral – no original “Generalgouvernement” – foi uma zona de ocupação alemã estipulada após a invasão da Polónia em 1939.

ela teve sorte, pois já tinha casado com ele por procuração. Quando a criança começou a andar, apercebemo-nos de que a sorte do *Führer* tinha acabado. Tudo correu mal, os russos aproximavam-se cada vez mais e, por fim, tivemos de fugir. Era inverno, tivemos de fugir à pressa, com duas malas nas mãos. Os comboios estavam, obviamente, sobrelotados de refugiados, eram comboios de mercadorias, vagões de gado, vagões abertos; tivemos sorte e apanhámos um vagão fechado de *Dirschau* para *Schneidemühl*. Em *Schneidemühl*, os vagões tiveram de parar para dar passagem a um comboio de feridos e às tropas em fuga que vinham sobre os carris. Fomos todos postos para fora, as nossas malas atiradas para os carris e só depois de as tropas terem sido recolhidas e colocadas nos vagões é que fomos autorizados a seguir viagem – uns no tejadilho, outros nos amortecedores, nos estribos, onde houvesse espaço, o melhor que pudéssemos. A minha filha deu-me o pequeno para segurar e foi novamente para os carris à procura das malas. Ela também teve sorte e encontrou a sua mala e entregou-ma no tejadilho. Nesse momento, o comboio arrancou e do lado oposto passou por nós outro comboio. A minha filha foi imediatamente atropelada, embrulhei a criança no cobertor de lã, mas é claro que ela estava morta na manhã seguinte. Seguimos em frente, outras crianças também tinham morrido congeladas em cima do tejadilho, cada vez mais refugiados se juntavam a nós, acabámos por atirar os corpos das crianças congeladas para a neve, para arranjar espaço. Finalmente chegámos a Berlim e a um campo de refugiados. Fomos conquistados, eu tive sorte, o subúrbio foi entregue aos russos quase sem troca de tiros, havia um campo de caserna nas proximidades com muita comida enlatada. Quando isso acabou e ainda não se podia cozer o pão, fomos mais longe no campo, para um depósito abandonado onde ainda havia batatas; mas quando lá cheguei, já todos tinham enchido os seus sacos de batatas, os montes estavam vazios. O que é que eu podia fazer? Tive sorte: ficou para trás uma grande quantidade de batatas descascadas numa grande tina de madeira cheia de água - arregacei as mangas e tirei-as de lá. A minha mochila já estava quase cheia, fui até ao fundo novamente e fiquei com as duas mãos cheias de porcaria, de uma imundice

castanha, malcheirosa e escorregadia; devem ter defecado na tina antes de sair do depósito. Agora que a minha desgraça estava completa pus o saco às costas e comecei a gritar. “Esta vida de merda!”, gritei . . . “Vida de merda! . . . Vida de. . . .””

Gritou mesmo, a enfermeira - como se tivesse sido disparada do chão – pôs-se de repente atrás dela e empurrou-a contra a casa. “Vida de merda!”, gritou ela, e eu gritei com ela; gritámos as duas, ela enrijeceu e eu bati na gorda. Por azar, o meu conhecido juntou-se a nós nesse momento. A cabeça dele fez tique-taque, depois juntou-se a nós e bateu na guarda, mas não fez soar o gongo de Westminster. . .

Acabei por me acalmar e fiquei lá. Na verdade, fiquei lá mais quatro semanas, por essa altura havia um quarto disponível, o tempo estava maravilhoso. Foram os melhores tempos que alguma vez já tive: boa comida e sossego, acabei por concluir que a enfermeira era particularmente simpática, tornámo-nos amigas. Ela fora em tempos noiva de um homem do gás. Bem, sim. Mas essa é outra história.

Texto original:

Glück haben

Dieses merkwürdig endende Selbstgespräch hörte ich auf der Gartenbank eines ländlichen Sanatoriums, welches gleichzeitig Altersheim war. Ich wartete damals auf einen Bekannten, den wir kurz vor dem Ende des letzten Krieges mit einem Nervenschok aus dem Keller seines Hauses gezogen hatten; sein Kopf ging wie ein Uhrpendikel immer ticktack hin und her . . . immer ticktack, ganz friedlich, ganz ruhig, niemand von uns [weder ich, noch mein Mann, noch die Skatfreunde meines Bekannten] hätten sich drüber gewundert, wenn die Stunde gerade halb oder voll war, noch den Westminstergong zu hören – ticktack und den Westminstergong. Na, ja. Aber diese Geschichte steht auf 'nem anderen Blatt.

Übrigens war die Heilanstalt ein wahres Paradies. Schöner Park, alte Bäume, das Haus dahinter ein märkisches Landschloß: zwei einfache Flügel und eine Freitreppe in der Mitte – bißchen kleiner, wäre es ein Wohnhaus in Caputh oder Bernau gewesen. Wie gesagt, es war wirklich ein Paradies, wie es gleich hinterm Friedhof kommt. Wir wünschten uns alle damals so etwas ähnliches, um uns vier Wochen auszuruhen. Aber wer hat das Glück?

Neben mir saß eine ältere Frau; daß heißt, ob sie eigentlich älter war, kann ich nicht mehr mit Sicherheit sagen. Sie war verrückt, das stand einwandfrei fest. Auf gar keinen Fall gehörte sie etwa nur in das Altersheim. Aber alt oder nicht alt – keine von uns sah damals gern in den Spiegel. Auch die da: Wenn ich mir's jetzt überlege, war sie weder – noch. Sie war keins von beiden: Nicht alt und nicht jung – natürlich nicht jung – doch ihr Gesicht ganz glatt wie ein Ei unter vollkommen schlohweißen Haaren. Man wird sagen, solche Gesichter gibt's viele. Und das ist auch wieder wahr. Nur, daß nicht alle verrückt sind, und erst recht nicht alle eingesperrt werden – wo käme man sonst hin? Gut möglich, daß mir die Frau normalerweise nicht aufgefallen, oder mir, was sie erzählte, nicht haften geblieben wäre; es gab soviel Unglück in dieser Zeit, daß es auf weniger oder mehr schon überhaupt nicht mehr ankam – man behielt es im Grunde nicht. [Heute sage ich: Gott sei Dank. Wo käme man sonst hin?] Also, normalerweise wäre mir so ein Geschöpf sicher nicht aufgefallen. Beim Schlangestehen, zum Beispiel, erlebt man ja ähnliche Dinge. Oder auf der Bezugscheinstelle.

Aber hier war die Sache anders. Man bekam nichts erzählt; man hörte da etwas, das im Grunde nicht für einen bestimmt war, man hatte das verdammte Gefühl, einen offenen Brief zu lesen, der liegen geblieben war. Ja: Einen offenen Brief. Ich glaube, dieser Vergleich ist richtig, wenn auch jeder natürlich hinkt. Denn, daß man etwas gelesen hatte, durfte man scheinbar nicht wissen. Kaum sagte man: Wie? Oder: Ach? Oder: Oh!, so fuhr die Frau wie gepickt in die Höhe und sah einen böse an. Na – »böse« ist überhaupt kein Ausdruck für dieses Angucken – nur ein Verrückter kann einen so ansehen . . . so gefährlich und so aus 'ner anderen Welt. Ich hätte mich natürlich gefürchtet, wenn nicht eine Schwester die ganze

Zeit in der Nähe geblieben wäre. Eigentlich dürfte man diese Biester ja gar nicht Schwestern nennen. Wenn so eine still von hinten her andrückt und packt die Kranken in ihre Klammer und schiebt sie am Ellbogen weiter, ohne ein Wort zu sagen . . . so eine blauweiß gestreifte, dicke Lokomotive –. Na ja, Es muß ja am Ende sein. Wo käme man sonst hin?

Wie gesagt: Die Frau war schon mitten im Reden, als ich mich neben sie setzte. Allerdings kann sie mit ihrer Geschichte nicht weit gewesen sein.

»Ich war wirklich ein hübsches Kind«, sagte sie. »Augen wie Tollkirschen. Eine Figur wie eine Groschenpuppe. Meine Eltern ließen mich gern und häufig photographieren. Warum auch nicht? Warum denn auch nicht? Sie hatten es ja dazu. Da gibt es Bilder von mir vor einer Waldkulisse, und andere wieder in einem Park auf einer Birkenholzbank. Mein kleiner Bruder mußte den Kopf an meine Schulter legen – »Hänsel und Gretel« sagten die Leute zu dieser Photographie. Ein anderes Mal, ich weiß nicht wieso, halte ich einen japanischen Schirm über mich und mein Stickereikleid. Ich war ein Glückskind. Wir hatten Geld; was ich wollte, konnte ich haben, keine Puppe war groß genug. Auch in der Schule ging es mir gut, Ich hatte in allem die erste Nummer, nur in Handarbeit immer fünf. Das sei doch schade, meinte die Lehrerin, und meine Mutter setzte sich hin und machte für mich die Handarbeiten – da hatte ich von der Religion bis zur Handarbeit nur noch eins. So ging es weiter. Mit sieben Jahren bekam ich ein kleines Dreirad, mit zehn ein größeres und mit vierzehn ein richtiges Damenrad. Wir machten Reisen – mal eine nach Bayern, mal eine nach Helgoland. Dann starb unser Vater. Mein Bruder und ich merkten nicht viel davon. Ein Jahr wie das andre: in einem lernte ich Rückenschwimmen und im andern Diabolo spielte, in dem dritten sammelten wir einen Haufen von bunten Ansichtspostkarten, in dem vierten Reklamemarken. Ich hatte wie immer Glück beim Tauschen: Pfeiffer und Dillers Kaffeezusatz gegen die Weltausstellung; das Persilmädchen gegen moderne Kunst und den Darmstädter Jugendstil. So kam der Weltkrieg und ging vorüber, ohne uns weh zu tun – am Anfang gab es noch alles zu essen, am Ende die Quäkerspeisung. In der Unterprima verliebte

ich mich zum ersten Male in einen Lehrer, obwohl ich das Schwärmen nicht leiden konnte und nichts von der Sinnlichkeit hielt. Von da ab verliebte ich mich sehr häufig und wurde auch angeschwärmt. Ich bekam meinen ersten Heiratsantrag und bald einen zweiten und dritten, obwohl doch sehr viele junge Männer im Krieg gefallen waren. Na, ich war eben wirklich nett, und hatte auch wohl, wie man damals so sagte, richtigen ›Sex-Appeal‹. Als fünftes Mädchen aus meiner Klasse verheiratete ich mich. Mein Mann war Assessor, sein Vorgesetzter nannte mich ›kleine Frau‹. Am Anfang wollten wir keine Kinder, um das Leben noch zu genießen, auf keinen Fall aber mehr als zwei: einen Jungen, ein Mädchen und Schluß. Natürlich hatte ich wieder Glück, und alles ging wie bestellt. Zuerst kam der Junge, ich nannte ihn Harald, hernach die kleine Brigitte, ein wunderhübsches Kind. Mein Mann war ein hochbegabter Jurist, auch kaufmännisch erfahren, ein lieber, guter Kerl. Er hätte im Staatsdienst bleiben können, aber um rascher voranzukommen, und noch mehr Geld zu verdienen, wurde er Syndikus. Zuerst in Köln, dann in Hamburg, zuletzt in Königsberg. Immer weiter nach Norden, dann nach Nordosten, im Osten blieben wir hängen und kauften uns schließlich ein Gütchen in der Romintener Heide mit Jagd und Fischerei. Womit unser Unglück eigentlich anfing, weiß ich heute nicht mehr genau. Vielleicht hätten wir nicht so schrecklich weit vom Westen fortgehen sollen, aber wer konnte das ahnen? Der Norden war zeitgemäß, mehr noch der Osten, viele Kinder zu haben, war schick. Ich raffte mich also zu dem Entschluß auf, noch ein weiteres Baby zu kriegen, doch es war eine Fehlgeburt. Ich versuchte es noch einmal: wieder dasselbe. Nach dem dritten Male gab ich es auf. Mein Mann war inzwischen auch älter geworden und hatte ein Magengeschwür. Nichts Schlimmes natürlich, wir hatten Glück, die Operation war nach Wunsch verlaufen, da bekam er plötzlich, kein Mensch weiß warum, die übliche Embolie. Ich war sehr traurig, aber die Kinder standen mir tatkräftig bei. Das war kurz vor dem Krieg, der Junge war achtzehn, das Mädchen sechzehn Jahre. Alles wie üblich: zuerst Abitur, dann Arbeitsdienst, dann wurde Harald zum Militär eingezogen. Er hatte Glück: Weil er technisch begabt war, kam er zu

einer Nachrichtentruppe und blieb zunächst hinter der Front. Brigitte, groß und blond wie mein Mann, wurde Arbeitsdienstführerin im Generalgouvernement. Es wäre wohl alles gut gegangen, wenn Harald sich nicht aus dem Ehrgeiz heraus, das Ritterkreuz zu erhalten, bei den Fallschirmtruppen gemeldet hätte. Kurz darauf kam er zum Einsatz und fiel bei Monte Cassino . . . fast an dem gleichen Tag, als die Brigitte von einem SS-Kameraden den kleinen Heiko bekam. Natürlich wollte sie jetzt nicht länger Lagerführerin bleiben, sondern ging mit dem Jungen nach Haus. Das Kind gedieh prächtig, sie hatte Glück, und verlobte sich mit einem Schlipsoffizier, einem Nachtjäger, welcher kurz nach der Landung der Engländer in Nordfrankreich fiel, aber sie hatte Glück und war vorher noch mit ihm ferngetraut worden. Als das Kind gerade zu laufen anfang, merkten wir, daß den Führer sein Glück verlassen hatte. Alles ging schief, der Russe kam näher und näher, schließlich mußten wir fliehen. Es war im Winter, Hals über Kopf mußten wir alles verlassen, zwei Koffer in der Hand. Die Züge waren natürlich von Flüchtlingen überfüllt, es waren Güterzüge, Viehwagen, offene Loren; wir hatten Glück und bekamen einen geschlossenen Wagen von Dirschau bis Schneidemühl. In Schneidemühl mußten die Wagen halten, um einem Verwundetenzug und den flüchtenden Truppen Vorfahrt zu lassen, die über die Geleise kamen. Wir wurden alle herausgesetzt, die Koffer auf die Schienen geworfen, und erst, als die Truppen aufgenommen und in die Wagen gepackt worden waren, durften wir mitfahren – teils auf dem Dach, auf den Puffern, den Trittbrettern, wo eben Platz war, so gut es eben ging. Meine Tochter gab mir den Kleinen zu halten und ging noch einmal auf die Geleise, um nach den Koffern zu sehen. Sie hatte auch Glück und fand ihren Koffer und reichte ihn mir auf das Dach. In diesem Augenblick fuhr der Zug los, und von der anderen Seite kam ein Gegenzug an uns vorbei. Meine Tochter wurde sofort überfahren, ich packte das Kind in die Woldecke ein, aber am nächsten Morgen war es natürlich schon tot. Wir fuhren weiter, auch andere Kinder waren oben auf dem Dach erfroren, immer neue Flüchtlinge stiegen dazu, wir warfen schließlich, um Platz zu haben, die hartgefrorenen Kinderleichen herunter in den Schnee.

Endlich kamen wir nach Berlin und in ein Flüchtlingslager. Wir wurden erobert, ich hatte Glück, der Vorort wurde fast ohne Schuß den Russen übergeben, in der Nähe war ein Barackenlager mit vielen Konservendosen. Als das vorüber war und noch kein Brot gebacken werden konnte, gingen wir weiter hinaus in das verlassene Lager, wo noch Kartoffeln waren; doch als ich hinkam, hatten schon alle ihre Kartoffelsäcke gefüllt, die Mieten waren leer. Was sollte ich machen? Ich hatte Glück: In einem großen hölzernen Bottich, der mit Wasser angefüllt war, war eine riesige Menge geschälter Kartoffeln zurückgeblieben – ich krepelte meine Ärmel hoch und fischte sie heraus. Mein Rucksack war schon beinahe voll, ich fuhr noch einmal recht tief auf den Grund und hatte beide Hände voll Dreck, voll braunem, stinkendem, glitschigem Dreck; sie mußten, bevor sie das Lager verließen, in den Bottich hineingemacht haben. Jetzt was das Maß meines Unglücks voll, ich nahm meinen Sack auf den Rücken und fing zu schreien an. »Dieses Scheißleben!« schrie ich . . . »Scheißleben! . . . Scheiß . . .«

Sie schrie es wirklich, die Krankenschwester – wie aus dem Boden geschossen – stand plötzlich hinter ihr und schob sie gegen das Haus. »Scheißleben!« schrie sie, und ich schrie mit; wir schrien beide, sie machte sich steif, und ich schlug auf die Dicke ein. Das Unglück wollte es, daß mein Bekannter in diesem Moment dazukam. Sein Kopf ging ticktack, dann schlug er gemeinsam mit uns auf die Wärterin ein, aber nicht den Westminstergong . . .

Schließlich beruhigte ich mich und blieb da. Ich blieb tatsächlich noch vier Wochen da, es war gerade ein Zimmer frei, das Wetter war wie gemalt. Es war überhaupt meine schönste Zeit: gutes Essen und Ruhe, die Krankenschwester fand ich schließlich besonders nett, wir freundeten uns an. Sie war früher mal mit einem Gasman verlobt. Na, ja. Aber diese Geschichte steht auf 'nem anderen Blatt.

Referências bibliográficas

Bellman, W. (2009). *Elisabeth Langgässer: Glück haben*. Reclam Philipp Junior.

Langgässer, E. (2022). *Der Torso – Kurzgeschichten*. Anaconda Verlag.